

PEDAGOGIA LIBERTÁRIA: O CORPO A TERRA NA EDUCAÇÃO

Jeferson do Nascimento Machado

Graduado em História - Licenciatura pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/Unicentro

RESUMO

Este artigo pretende tratar o corpo a terra dentro da perspectiva pedagógica libertária. Pois acreditamos que a dinâmica do corpo, o qual se encontra fortemente reprimido, pode ser reanimada por meio de uma educação anarquista, a qual liberte os corpos para atuarem em suas potencialidades. Salientaremos também a necessidade de abordar a terra e colocar as crianças e jovens em contato com ela, pois há uma grande necessidade de religar o sujeito à terra, porque só assim, o respeito e o cuidado com ela voltarão a florescer.

Palavra-chave: Pedagogia libertária. Terra. Corpo. Educação.

INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

A educação anarquista ou pedagogia libertária teve seu marco inicial no final do século XIX no Orfanato Prévost, em Paris, através do francês Paul Robin. Robin via a educação na perspectiva da formação intelectual e construção de saberes originais por meio da experiência. Já no início do século XX, em Barcelona, Ferrer Guardiã fundou a Escola Moderna, que possuía um método racional, integral, cooperativo, de respeito mútuo e de igualdade de gênero. No ano de 1909, Ferrer foi preso e condenado à morte por fuzilamento pela monarquia espanhola. E as escolas criadas por ele foram fechadas em 1939, com a ascensão do fascismo. No entanto, as ideias de Ferrer permaneceram e renasceram na América, principalmente no Brasil. (PASCAL, 2006).

A Pedagogia Libertária, conforme Gallo (2007) é um conjunto de teorias e métodos educacionais inscrito no contexto das teorias educacionais modernas. Sendo que, diferente de tantas outras teorias modernas, ela é fundamentada na ideia de educação integral, antiautoritária, autogestionária (diretiva), na não separação do saber/fazer e do homem como produto social.

A pedagogia libertária pode ser assim vista como uma ferramenta de construção da liberdade e igualdade, onde o individual e o coletivo, por meio de uma relação dialética, voltam a ser a essência social.

Neste artigo, trataremos o corpo e a terra dentro da perspectiva da pedagogia libertária. Acreditamos que a dinâmica do corpo, qual se encontra fortemente reprimido, pode ser reanimada por meio de uma educação anarquista, a qual liberte os corpos a atuarem em suas potencialidades. Além disso, observaremos a necessidade de abordar pedagogicamente a terra e colocar as crianças e jovens em contato com ela, salientando a necessidade de religar o sujeito à terra, como um caminho para que o respeito e o cuidado com ela voltem a florescer.

SUJEITO SEM CORPO

O corpo é quase sempre desassociado do processo de aprendizado e isso se deve a nossa construção histórica ocidental, a qual separou o corpo da mente. A dualidade cartesiana corpo/alma e a negação do corpo, originada no cristianismo, tiveram grande impacto no mundo ocidental e, por conseguinte, na educação. Com o advento do capitalismo, o corpo tornou-se produto e lugar de ornamentos.

Algumas vezes o corpo aparece como elemento secundário em nossos complexos funcionamentos mentais, visão comum sobre a qual se acredita que o corpo é somente uma ferramenta da psique (uma objetificação sobre o corpo). Em outras ocasiões, o corpo praticamente desaparece, como pode ser visto no platonismo e no cristianismo, que veem o corpo como um problema, seja porque é imperfeito ou seja por portar o pecado. Sendo assim, nosso corpo é praticamente excluído de nossa sociedade.

Na perspectiva de uma pedagogia libertária onde os indivíduos e o coletivo¹ são novamente valorizados, o corpo deve ser inserido na problemática educacional pois, o conhecimento e o cuidado de si, e o reconhecimento do sujeito como corporal, social e histórico são uma alavanca para a autogestão e o autogoverno. Portanto, de um ponto de vista libertário, o corpo passa a ser não somente algo orgânico ou o suporte para a psique, mas um elemento fundamental para a constituição do sujeito. Conforme Farah (2010, p.402):

A primeira questão que se impõe ao tratarmos do tema “corpo”, considerando-o em diferentes aspectos e dimensões, é a necessidade de aceitarmos a condição de que somos sujeitos-corpos, isto é, entendermos o corpo como nossa identidade, a unidade de existência que nos dá visibilidade e acesso ao mundo.

Dessa forma, o corpo se insere como identidade/sujeito, de tal modo que a negação do corpo se torna a anulação do sujeito, ou melhor, a negação do corpo significa à construção de um sujeito passivo e dócil à autoridade.

O sujeito, quando forçado a negar o corpo, anula sua capacidade criativa de lidar com o mundo, passando a ser sujeito passivo e obediente no âmbito social. A negação do corpo produz uma mente mecânica facilmente guiada pelas instituições de poder e a primeira dominação começa pelo corpo. O médico e psicanalista Wilhelm Reich, em sua obra *Psicologia de Massa do Fascismo*, percebe que existe todo um mecanismo social que impõe limitações sobre os impulsos biológicos primários, o que leva a construção de sujeitos dóceis e preparados para o domínio. Em relação ao estudo do fascismo - elaborado por Reich - o psicólogo e somaterapeuta, João da Mata explana que:

Para Reich, o fascismo é a expressão da estrutura irracional do caráter do homem médio, decorrente do bloqueio das necessidades biológicas primárias e seus impulsos. Sua crítica vai além da análise econômica que o marxismo propunha e se dirige para o entendimento dos fatores como a infelicidade emocional, fruto da miséria sexual. Segundo ele, “a inibição

¹A relação indivíduo/sociedade, no Anarquismo, é essencialmente dialética: o indivíduo, como ser humano, só existe se pertencente a um grupo social — a ideia de um homem isolado da sociedade é absurda —; a sociedade, por sua vez, só existe enquanto agrupamento de indivíduos que, ao constituí-la, não perdem sua condição de indivíduos autônomos, mas a constroem. A própria ideia de indivíduo só é possível enquanto constituinte de uma sociedade. (GALLO, 2007, p.20)

moral da sexualidade natural na infância, cuja última etapa é o grave dano da sexualidade genital, torna a criança medrosa, tímida, submissa, obediente, “boa”, e “dócil”, no sentido autoritário da palavra. (MATA, 2014, s/p)

A primeira crítica relacionada à negação do corpo é encontrada ainda no século XIX, por meio do pensador Nietzsche. Para Nietzsche a negação do corpo é a própria negação da vida, pois é no corpo que se insere toda a vida: sem corpo não há vida. É por isso que em seu livro *Assim Falava Zaratustra*, ele diz: “Aos que menosprezam o corpo quero expor minha opinião. O que devem fazer não é mudar as regras, porém simplesmente dizerem adeus ao seu próprio corpo e, por conseguinte, ficarem mudos. ” (NIETZSCHE, 1977, p.25). Essa provocação que Nietzsche faz, por meio de seu personagem Zaratustra, e outras relacionadas ao corpo, que podem ser encontrados ao longo de sua vasta obra, são de extrema importância e surtirão efeito em muitos intelectuais do século XX e posteriormente do nosso século. Como foi dito, essa fala sobre o corpo não é a única em Nietzsche, pois sua vasta obra tem sua base fundamental no corpo e na terra, e sempre mantendo a crítica e o olhar ferrenho sobre aqueles que abdicaram do corpo.

A padronização do corpo não é produto unicamente do cristianismo, mas também da racionalidade. Em outras palavras, se o cristianismo ditou regras para o corpo em nome de Deus, o racionalismo mecanizou o corpo em nome da ciência. Em suma, a racionalidade tentou pensar o corpo numa perspectiva de perfeição, e perfeição aqui deve ser entendida como padrão, na medida em que a ciência busca elaborar padrões. A ciência, em especial a ciência positivista, tende a ver o homem como máquina e guiá-lo para tal. O caos do corpo, a liberdade pela qual é movido perturba quem procura encontrar padrões, por isso a padronização do corpo. Quando há a padronização, consequentemente a sociedade também se padroniza, dando assim a facilidade de compreendê-la fora do dinamismo onde tudo é previsível.

Com o capitalismo, o corpo tornou-se um produto a ser vendido e lugar de ornamentos. Em suma, é vendido um corpo padrão e todos devem pagar para possuí-lo, caso contrário, serão excluídos da sociedade. Aqui fica visível o papel das academias, das cirurgias plásticas, da redução de estômago, lipoaspiração, etc. Em

relação aos ornamentos, vende-se um estilo, um visual que se consegue com adereços tais como joias, roupas, maquiagem, etc.

Percebemos uma dificuldade do sujeito sentir o seu corpo e fluir suas potencialidades. O corpo fica determinado por todos os lados (religião, ciência, economia, etc.). Como fugir dessas determinações? A resposta é complexa, pois necessitaríamos de um trabalho amplo, onde a educação é uma importante ferramenta a ser utilizada. Pelo viés de uma pedagogia libertária, principalmente, a educação tem um papel fundamental para a mudança social.

O CORPO NA EDUCAÇÃO

A educação tradicional - ainda baseada nos valores positivistas, cristãos e, no caso do Brasil, ainda com resquícios do autoritarismo da Ditadura Militar - tem reforçado a negação do corpo e sua banalização. A educação tem sido reprodutora da repressão do corpo, portanto ela tem exercido um papel conservador dos valores capitalistas, cristãos e racionalista (positivismo). Assim sendo, cabe aos professores - aqueles que ainda não foram completamente doutrinados pelo viés conservador das escolas - fazer com que os educandos se percebam como sujeitos corpóreos e aos poucos vão reafirmando a vida e exercendo suas potencialidades.

O corpo tem papel fundamental na educação, pois a forma como percebemos e utilizamos o corpo irá organizar nossa conduta no mundo. A passividade do sujeito no mundo é produto da negação do corpo e da doutrinação niilista feita pela religião, família, escola, etc., e por isso, defendemos que desde a infância o corpo deve ser incluído no processo de ensino. Porque, conforme Levin, o “corpo e os gestos são fundamentais para a formação geral do ser humano. Desde que nasce, a criança usa a linguagem corporal para conhecer a si mesma, para relacionar-se com seus pais, para movimentar-se e descobrir o mundo.” (2005, p. xx).

O corpo só é afirmado no movimento, ou seja, ele necessita de deslocamento para reconhecer-se. E no movimento o conhecimento se amplia. Em suma, é preciso dançar com o corpo para aprender dançar com as ideias, sendo assim, quem se movimenta reafirma o corpo e a vida, e, por conseguinte, estimula seus processos

psíquicos. A escola onde os alunos passam todo tempo imóveis, sentados e calados não é um modelo viável para quem pretende um mundo com pessoas criativas.

Os educandos necessitam de uma educação que não proíba de sentirem o seu próprio corpo. As crianças e jovens necessitam de uma educação que estimule a afirmação do corpo. Sentar em círculo, no chão ou promover jogos onde o corpo seja utilizado contribui para uma educação libertária e a volta do corpo ao sujeito.

O movimento e estímulo do corpo é essencial para a psicomotricidade. Conforme Sandra Silvia Batista (2006, p.8):

O conhecimento do próprio corpo, através de movimentos, proporciona o desenvolvimento global do indivíduo de forma irreversível. Através de exercícios lúdicos, como brincar, saltar, cantar e correr, são reveladas emoções e sentimentos que a criança poderá compartilhar com seus pares.

A dança, as lutas e os jogos corporais deveriam ser usados em todo o processo de ensino-aprendizagem, e não somente nas aulas de Educação Física. No caso específico do Brasil, podemos destacar a possibilidade de utilizar a capoeira como ferramenta eficaz para o trabalho corporal com os educandos.²

A TERRA NA EDUCAÇÃO

A negação da terra é um produto semelhante ao processo de negação do corpo. A terra foi/é negada em nome de um além-mundo (algo mais valioso que a terra). O mundo das ideias para Platão, do céu para os cristãos, e do lucro para o capitalismo. A ideia de que esse mundo é a sombra imperfeita de outro, um lugar passageiro para o paraíso ou simplesmente algo a ser explorado, tem levado o mundo a um grande desequilíbrio. Na contramão de Platão e do cristianismo Nietzsche nos diz, por meio de seu Zaratustra:

O “Eu” aprende a falar mais e mais, e quanto mais aprende, mais palavras acha para louvar o corpo e a terra.

O meu “EU” me ensinou um novo orgulho que eu transmito nos homens: não ocultar a cabeça nas nuvens celestes, mas tê-la descoberta. Sustentá-

²Vale salientar que, “a capoeira no âmbito educacional está em grande ascensão, pois hoje temos muitos praticantes/pesquisadores que buscam inserir esta arte legitimamente brasileira e de origem afro-brasileira nas escolas e faculdades, mesmo que ainda sendo em projetos sociais.” (SOUZA; SOUZA; TROIAN 2012, p.82)

la uma cabeça terrestre que creia no sentido da terra. (NIETZSCHE, 1977, p. 24)

Usando deste pensamento de Nietzsche, devemos trazer o homem a crer no sentido da terra, mas para conseguirmos devemos nos munir de muitas ferramentas e uma delas é a educação. Assim sendo, a educação surge como uma ferramenta para religar o homem à terra e ao corpo.

Temos graves problemas ambientais e agrários que devem ser resolvidos o mais rápido possível, pois corremos variados riscos caso não resolvamos. No entanto, necessitamos voltar a pensar a terra como elemento essencial à nossa vida. Necessitamos introduzir a terra na educação e ensinar crianças e jovens a valorizarem o meio-ambiente e compreenderem a necessidade da reforma agrária, pois não há como mudar a relação do homem com a terra se continuarmos a reproduzir na escola uma relação capitalista do homem com ela. Devemos romper com a educação em prol do capital para uma educação que pense a terra numa perspectiva ambiental, ecológica e sustentável. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), com a introdução dos “temas transversais”, nos trazem uma boa reflexão sobre a questão ambiental. Segundo os PCNs:

O ser humano faz parte do meio ambiente e as relações que são estabelecidas — relações sociais, econômicas e culturais também fazem parte desse meio e, portanto, são objetos da área ambiental. [...] é preciso refletir sobre como devem ser essas relações socioeconômicas e ambientais, para se tomar decisões adequadas a cada passo, na direção das metas desejadas por todos. O crescimento cultural, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental devem ser levados em consideração. (BRASIL, 1997, p. 27)

Por meio de uma perspectiva libertária, devemos pensar um ensino que estimule o contato, o cuidado e o trabalho com a terra, pois é necessário que as crianças e os jovens se percebam dentro de uma relação dialética com a terra. É necessário um contato com a natureza, seja por meio de um passeio pelas florestas ou pelo contato com a agricultura. A experiência com o mundo e com o corpo deve fazer parte da educação, pois é necessário se perceber como ser corpóreo e

mundano, pois é só assim que o homem se libertará das grades que construiu à sua volta.

As aulas devem discutir as problemáticas ambientais e as soluções mais viáveis ao problema. A educação não deve se omitir ou reafirmar os problemas relacionados ao meio ambiente, caso contrário a tendência é a reprodução do sujeito independente da terra. Nesse sentido vale frisar a máxima de Nietzsche: “o super-homem é o bom-senso da terra. Digam as suas vontades: seja o super-homem a razão da terra.” (NIETZSCHE, 1977, p.10)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo tentamos delinear (ou ainda, tornar perceptível) a importância de pensarmos o corpo e a terra dentro da perspectiva pedagógica libertária. Acreditamos que a dinâmica do corpo se encontra aprisionada, devendo ser reanimada por meio de uma educação capaz de estimular os corpos a atuarem suas potencialidades. Além disso, reafirmamos a necessidade de abordar a terra e fazer com que as crianças e jovens interajam com ela, religando dialeticamente o sujeito-terra.

Almejamos, com esta explanação que tenha ficado claro que a educação libertária se torne chave para a problemática do corpo e da terra. Pensar a educação de forma integral, antiautoritária, e autogestionária, é não separar o saber do fazer o que se torna um desafio a ser superado. Estamos longe de encerrar a discussão sobre o corpo e a terra, por isso necessitamos de mais estudos que suscitem essa reflexão e que nos auxiliem nas práticas educacionais.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Sandra Silva. **Psicomotricidade: reflexos no ensino e aprendizagem**. Brasília: UniCEUB, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetro Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FARAH, Marisa Helena Silva. **O corpo na escola: mapeamentos necessários**. São Paulo: Paidéia, 2010. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/paideia>. Acessado em 18/05/2016.

GALLO, Sílvio. **Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação**. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

LEVIN, Esteban. **O corpo ajuda o aluno a aprender**. Revista Nova Escola. Rio de Janeiro: Editora Abril, 2005. Disponível em: <revistaescola.abril.com.br/>. Acessado em: 17/05/2016.

MATA, João da. **A psicologia somática de Wilhelm Reich**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Somaterapia, 2014. Disponível em: <<http://www.somaterapia.com.br/>>. Acessado em 19/05/2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Hemus, 1977.

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. **A Pedagogia libertária: um resgate histórico. 2006**. Disponível em: <www.proceedings.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 18/05/2016.

SOUZA, Fabio Penteado de; SOUZA, Maria Ivonete de; TROIAN, Maria Luiza. **Capoeira: contribuições pedagógicas para educação e inclusão curricular na Escola Municipal de Educação Básica Sadao Watanabe em Sinop-MT**. Sinop: Revista Eventos Pedagógicos, 2012.